

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – RIO CLARO

GEOGRAFIA

As manifestações de violência no cotidiano escolar

Lucas Fernandes Crescêncio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual Paulista – Campus Rio
Claro – SP

Orientador: Prof. Dr. Diego Correa Maia

Rio Claro – SP

2019

Lucas Fernandes Crescêncio

As manifestações de violência no cotidiano escolar

Projeto de pesquisa apresentado para Trabalho
de Conclusão de Curso de Bacharelado em
Geografia da Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho – Campus Rio Claro

RIO CLARO - SP

2019

SUMÁRIO

Introdução 05

2–Revisão teórica-metodológica 09

2.1.1 - Aspectos da violência no cotidiano escolar 10

2.1.2 - A família na relação de violência 12

3 – Procedimentos Metodológicos 13

3.1-Etnografia para estudos em educação 13

3.2-Autoetnografia 15

3.3-Relatos de autoetnografia 18

3.4-Autorreflexão 21

4-Violência escolar e cidadania 23

5 – Ações para prevenção da violência 26

5.1-Expressões artísticas: Hip Hop e Literatura Marginal 27

6 – Considerações Finais 33

7 – Referências Bibliográficas 36

Resumo:

O fenômeno de violência escolar foi analisado com o intuito de caracterizarmos suas diversas manifestações no espaço escolar, assim como as ações para reversão destes atos e exclusão desta dinâmica perante o cotidiano escolar.

Os locais estudados foram duas unidades escolares do município de Rio Claro – SP que demonstram ações da problemática. A metodologia foi ancorada na autoetnografia aplicada à educação e execução de autorreflexão. Após contextualização e fundamentação teórica são propostas medidas educativas e exemplos concretos para sanar ações violentas presentes na comunidade escolar via saberes periféricos. O movimento hip hop foi utilizado como conhecimento popular para reversão de atitudes violentas em espaços escolares.

Palavras-chave: violência escolar; etnografia; autoetnografia; autorreflexão; reversão da violência; cidadania; hip hop

1 – Introdução

A educação básica está distribuída no território brasileiro de proporção heterogênea e em distintas instancias políticas. Esta diferenciação ocorre em escala local dentro dos estados, municípios e localidades intramunicipais.

Instituições públicas de ensino básico demonstram condições insatisfatórias de aprendizagem e inexistência de resultados concretos para possibilidade de inserção do cidadão ao ensino superior público. Os desafios são variados conforme a trajetória da unidade escolar, local que está inserida, público que atende e subsídios oferecidos pelas instâncias governamentais.

O cenário brasileiro de educação escolar obtém estratificação de competitividade desigual entre ensino público e privado. O primeiro contém as parcelas mais significativas de matrículas no total de escolas, entretanto apresenta resultados inferiores de aprendizagem e aprovações no ensino superior público.

Em contrapartida, verifica-se intensa fomentação de poderosas redes privadas de ensino básico, especializadas em provas e vestibulares de instituições de ensino superior público ou privado. Este cenário proporciona desenfreada competitividade entre tais redes de ensino, norteadas pela corrente pedagógica de ensino tecnicista e conteudista. Os resultados de alto rendimento em provas de vestibulares garantem o status de qualidade de ensino destas empresas.

A base da educação gratuita enfrenta constante crise e abandono das instâncias governamentais. Esta omissão ao compromisso educacional reflete a violência estatal, voltada a toda comunidade da escola pública. Este fenômeno distribui entre cada instituição, conjunturas diversas e reações distintas de uma problemática presente em escolas por todo o território, a **violência escolar**.

A problemática da violência escolar atinge intensamente o setor de ensino público, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Para a compreensão dos motivos deste processo é necessário observar a trajetória histórica das políticas educacionais efetivadas nesta área e a contextualização socioespacial de cada instituição de ensino.

Para concreta compreensão do fenômeno, os alunos são inseridos a análise, pois são os primeiros sujeitos a enfrentarem os efeitos negativos da violência escolar. Nestes casos estas vítimas não interpretam as situações de calamidades em que estão expostas. Diante da situação, evidencia-se a dificuldade do diálogo entre aluno e escola e impossibilidade de registrar atos de violência em qualquer instância da sociedade, onde o silêncio impera entre os jovens violentados.

Na busca de documentos e registros escolares sobre violência, estes não garantem o reflexo da realidade frente à violência dirigida às comunidades escolares. Dos impasses para obtenção de dados fidedignos ao assunto emerge-se a procura para estas informações.

A aproximação aos alunos abre especulações para identificação de dados sobre ocorrências de violência ligada ao cotidiano escolar. A presença do diálogo para alunos, pais, comunidade escolar e comunidade local é fundamental para a compreensão dos atos e derivações de violência.

Os alunos detêm densa informação e a necessidade de expressão sobre os atos de violência, proporcionando visibilidade de tais dados e de possibilidades divergentes aos documentos de natureza escolar. Ao sinalizarmos a abertura ao diálogo, o de pesquisar tal temática intensifica a oportunidade para construção de confiança no grupo de alunos vítimas de violência.

Está problemática deve ser elucidada para compreendermos a intensidade destas manifestações violentas e a repercussão perante os jovens e de que forma são afetados. Ao evidenciar as situações de risco nos quais os alunos estão submetidos, é possível enfrentar francamente o desafio de reversão dos atos de violência.

A capacidade de diferenciação e caracterização das atividades violentas proporciona a sociedade um caminho para solucionarmos tal situação, sobretudo no amparo para profissionais da educação e os responsáveis pelos alunos. A produção de estudos com o propósito de denúncia, busca a solução desejada através da melhoria do cotidiano escolar. Atuação do pesquisador compete em intensa colaboração para aproximação dos males dirigidos ao objeto de estudo e realização de medidas comprometidas a atenuar a problemática elencada. Ao estabelecer uma busca de reais reversões à problemática, o estudo se complementa e abre possibilidade de reformular-se.

Neste caso a pesquisa foi realizada na educação básica, mas especificamente nas modalidades de Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Os alunos desses níveis escolares estão emersos à violência escolar e cotidiana fora das instituições educacionais. A pretensão é aprofundar a origem e motivos que intensificam as mazelas sofridas no cotidiano escolar, com destaque para os jovens que estão inseridos na população socioeconomicamente mais vulnerável.

A pesquisa desenvolveu-se em escolas do município de Rio Claro – SP, nas quais estão inseridas neste contexto social aludido anteriormente. As escolas pesquisadas são instituições que o autor da pesquisa, atua como professor de Geografia para o Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Estas instituições são localizadas em áreas periféricas da cidade em que a população sofre a exclusão socioespacial e convivem com altos índices de violência.

Os verdadeiros nomes das instituições serão omitidos, com o intuito de evitar retaliações estatais e civis. Os nomes de alunos envolvidos em situações narradas serão fictícios para proteção dos sujeitos e evitar exposição destes jovens.

As periferias brasileiras são marcadas alta densidade populacional e violência direcionada aos jovens. A população de baixa renda se estabelece em lugares distantes de áreas centrais que mantém alta valorização para uso e ocupação do solo. Empurrados para localidades distantes do raio central das cidades, os habitantes da periferia carecem de serviços públicos básicos. Escolas públicas destas áreas sofrem inúmeras dificuldades para manutenção e oferecer serviço de qualidade para esta população.

Esta situação enaltece a impossibilidade de execução dos direitos constitucionais dos cidadãos de maior vulnerabilidade econômica. Em contrapartida, serviços de qualidade são oferecidos pelo setor privado que se caracteriza pelos altos valores monetários.

O direito do cidadão é garantido em constituição e oferecido em forma de mercadoria, inacessível para o consumo desta população. A maior parcela da população brasileira contém renda insuficiente para consumo de serviços oferecidos pela iniciativa privada. Fato este que amplia o questionamento para maneira em que a cidadania é exercida no país.

Instituições de ensino privado exibem que o direito universal a educação é garantido à população de forma desigual, essencialmente para os mais pobres. A “fetichização” da educação como mercadoria enaltece a cidadania no Brasil ligada ao consumo, como Santos (1987) retrata em sua obra “O Espaço Do Cidadão”.

A violência escolar está associada à violência estrutural estatal que “mina” os serviços públicos e visa em situações precárias atingir as instituições escolares. A ineficiência do Estado em proporcionar uma educação pública de qualidade para população, fato este que reverbera nas altas taxas de violência direcionada às crianças e jovens sem condições financeiras de consumirem serviços privados.

Este estudo busca analisar os vínculos entre violência escolar e falta de cidadania que consolidam o ensino público precário. Neste caso a omissão estatal revela a violência do Estado em não possibilitar medidas de prevenção da problemática. O presente estudo terá como foco as alternativas para prevenção da violência escolar e possibilitar uma vivência plena da cidadania para a população de baixa renda.

O método de autoetnografia possibilita investigação do pesquisador em proximidade ao objeto de estudo, de modo que sensibilize os atores sociais analisados. Esta aproximação entre sujeitos, enfatiza a situação de indivíduos excluídos na sociedade e oportuniza a divulgação de vozes excluídas da academia.

Soluções de difícil alcance dos sujeitos e a problemática elencada reafirmam incapacidade em abranger as necessidades dos sujeitos emersos em situação de violência. A autoetnografia viabiliza a inter-relações subjetivas, sobretudo pelo emprego da afetividade na resolução da problemática.

Os sujeitos reprodutores de atos violentos e os sujeitos receptores necessitem de identificação e caracterização para compreensão completa deste complexo fenômeno que permeia as escolas públicas. A construção de soluções capazes de reverter a problemática se desenvolve ao compreender as motivações que originam ações violentas e selecionam os sujeitos receptores.

2–Revisão teórica-metodológica

A sociedade em escala global encara crise social de incivilidade, algo corriqueiro ao sistema econômico vigente que é reproduzido através de crises acumulativas. A instância social fenece em valores morais e éticos de quesito coletivo e atitudes solidárias. Esta crise é dotada de incivilidade em que o caráter individual centraliza investimentos e ações a interesses econômicos. Os valores da economia global estão a detrimento dos investimentos sociais e principalmente educacionais.

A crise de incivilidade atinge a função e competência da escola, a incivilidade molda as novas ações da instituição de ensino. A crise da escola é derivada da estrutura da instituição que está em mudança de finalidade. Políticas de universalização do ensino público expandiram as escolas em forma quantitativa e esvaíram a instituição em qualidade estrutural e funcional. A nova clientela das escolas aumenta o desafio aos profissionais de educação para construção de instituições de ensino democráticas. Conforme afirma (LUÍZ, p.17, 2016): *“a busca pela universalização do acesso à escola pública em nosso país e da permanência com sucesso em seu interior tem modificado o panorama de estudantes que hoje adentram seu espaço e fazem parte dele”*.

Professores e funcionários perecem em capacitação profissional para preencher as lacunas abertas pela expansão quantitativa da escola. Em sincronia a desvalorização dos trabalhadores da área de educação é orquestrada pelo Estado em valoração apenas quantitativa da instituição de ensino. O prestígio do professor é minado por não proporcionar ascensão social e qualificação educacional desejado pelos alunos, este processo questiona e coloca em “cheque” a autoridade do professor. (ARAÚJO, 2002; LUCINDA, NASCIMENTO, CANDAU, 2001; SILVA, VILANUEVA 2010)

Posto em ‘cheque’ o valor de profissionais educacionais há reflexões sobre a função destes sujeitos para com modelo de aprendizagem necessário em instituição escolar. Em intensa mudança de finalidade das escolas, os professores se adaptam a novos desafios de aprendizagem, que nestes casos são condutas de indisciplina e violência escolar.

As notáveis dificuldades desestabilizam relação de ensino aprendizagem e desmoralizam a figura da escola pública. Jovens se munem de revolta permeada em vulnerabilidade e violência que os mantém voltados para reprodução destas relações.

Esta relação de revolta entre jovens alinhada a exclusão social é descrita por (LUÍZ, p.20, 2016):

“A argumentação que se segue, recaindo sobre o ultraliberalismo econômico e social, leva a outro entendimento da violência escolar e da delinquência juvenil. Nela, a manifestação da violência pelo jovem (no espaço escolar como local de sua maior convivência com o estado instituído) decorre de uma reação normal frente à exclusão social e à consciência de classe das categorias populares”.

Inexistência de diálogo e incapacidade de mediação em conflitos são produtos recorrentes desta realidade partilhada em espaços de exclusão. A falta de educação básica de qualidade impede a formação de sujeito crítico consciente de direitos e praticante de cidadania.

2.1.1 - Aspectos da violência no cotidiano escolar

As diferentes expressões e atitudes de violência no cotidiano escolar estão em crescente observação pela comunidade escolar. Estudos indicam aumento destas manifestações agressivas no interior das escolas. A violência escolar é encarada por atos de violência dirigidos a escola, alunos, professores e funcionários no ambiente escolar. Aspectos estruturais de violência são difundidos, em momentos, pelos órgãos governamentais, instituições de ensino e profissionais da área de educação. Práticas tradicionais coercitivas são herdadas por educadores (GLIDDEN; GROSS, 2016 p.404) *“professores são informados das malefícências do seu uso, mas não sobre meios alternativos, assim, os métodos coercitivos tradicionais perduram através dos tempos”.*

Os agentes provedores e atores receptores da violência escolar são variados, estas manifestações também se diferenciam em tipos e graus de incidência. Agressões verbais e físicas são os fatos mais evidentes da violência escolar, estes são em maioria de alunos a alunos e em outros casos destinados a professores e funcionários.

Os atos estruturais estão presentes nas políticas governamentais que desvalorizam a instituição escolar. Precarização de infraestruturas é a forma mais evidente de atuação estatal designada à instituição escolar, nestes atos os violentados são todos os componentes e sujeitos da comunidade escolar.

Os métodos pedagógicos podem executar manifestações autoritárias e de aspectos coercitivos para manutenção da ordem social estabelecida pela unidade escolar. Professores e funcionários são canais de difusão destes métodos para garantia da figura de autoridade, principalmente em circunstâncias de embate.

Os próprios sujeitos violentos podem exercer o papel de vítima frente estas diversificadas ações de violência. Esta contradição, reitera o relevante papel à escola no processo de reprodução da cultura de violência, que também ultrapassa o espaço das ruas e invade o ambiente escolar, nos casos que a desordem urbana influencia a dinâmica da escola. A extremidade da situação é apontada nos momentos de brigas de gangues na porta das escolas e abusos de autoridade em ações policiais dentro do cotidiano escolar.

A escola de função disciplinadora é herança histórica de políticas impostas em situação vertical. Esta questão evidencia a violência no Brasil em construção estruturante de fontes com perspectiva autoritária, coercitiva, discriminatória, repressiva e de exclusão. Estas variáveis são pilares a reprodução da cultura de violência.

A mídia brasileira e mundial desempenha influência na produção e manutenção desta cultura, por exposição de violência em cenas reais ou programas fictícios, de ênfase na violência e consumo. Crianças e jovens são bombardeados pela imposição deste conteúdo e destas informações. A hegemonia dos conteúdos de agressividade é essencial à desumanização e “banalização do mal”, que assegura reprodução da violência aos jovens de baixas classes sociais impossibilitadas de determinados padrões de consumo.

As agressões entre alunos são comuns ao cotidiano escolar, e a ocorrência mais intensa em comparativo a atos agressivos a professores e funcionários. Esta variável é interpretada como embate a figura responsável, se expõe a lógica do enfrentamento devido à incapacidade de exercício do senso de justiça do adulto na visão do jovem.

“A lógica que permeia essa cultura da violência está intimamente relacionada a um sentimento de medo” (LUCINDA, NASCIMENTO, CANDAU, 2001 p.32), jovens interpretam esta lógica na reprodução da violência para própria proteção. Nota-se que esta cultura tem gênero, o masculino, e está diretamente ligada a reprodução da cultura machista.

Os atos agressivos de extrema intensidade são produzidos em ambientes externo a sala de aula, locais que não há supervisão de adultos. Os maus tratos em sala de aula são de construção sutil e difícil percepção para o professor devido a ações indiretas.

Os prédios escolares e as condições da totalidade das infraestruturas refletem o respeito e valores atribuídos ao bem público. Construções mal planejadas ou executadas desvalorizam em imediato a instituição educacional e precariza condições de trabalho e relações de ensino-aprendizagem. A falta de valor da infraestrutura desvela o desrespeito ao bem público que é alvo de depredações. *“Nesse sentido, a depredação escolar pode ser compreendida também como uma forma de resistência diante das imposições de normas”* (LUCINDA, NASCIMENTO, CANDAU, 2001 p. 32).

2.1.2 - A família na relação de violência

A família contribui para minimizar ou estimular processos e instâncias de violência que atuam sobre a criança. Atos de violência entre os familiares socializam a violência para os jovens. Os reflexos destas agressões afloram na vida escolar do aluno que carece em interação social.

“A partir de relatos de alunos(as) e educadores(as), bem como do resultado de diversas pesquisas na área, pode-se afirmar que o comportamento dos(as) alunos(as) na escola e na rua, assim como o seu desempenho escolar é fortemente afetado pela violência familiar” (LUCINDA, NASCIMENTO, CANDAU, 2001 p. 35).

Três pontos confluem nos casos de violência escolar provenientes da instancia familiar. Falta de afeto materno e desinteresse familiar constroem sentimentos de revolta na consciência da criança. Os comportamentos e relações agressivas no cotidiano doméstico estimulam a produção de relações violentas. Métodos disciplinadores agressivos e punitivos em castigos físicos e emocionais acarretam a concentração de violência na consciência social da criança.

“Sabe-se, ainda, que a violência na família pode comprometer o desenvolvimento cognitivo das crianças e jovens” (LUCINDA, NASCIMENTO, CANDAU, 2001 p. 35). A dificuldade da construção intelectual da criança é notada nas interações sociais e interpretação verbal. Ao afetar este desenvolvimento o aluno é desprovido das ferramentas conceituais de leitura crítica da realidade.

3 – Procedimentos Teórico-metodológicos

A definição da metodologia a ser seguida leva em conta a credibilidade dos procedimentos utilizados e dos dados obtidos para concretização da pesquisa. Estudos sem fundamentação teórica desqualificam a qualidade do trabalho e caminham para conclusões equívocas e tendenciosas ao posicionamento preterido pelo autor.

Para uma análise consistente sobre as manifestações de violência no cotidiano escolar, é necessária uma abordagem que compreenda concretamente o fenômeno estudado. A aproximação do pesquisador com a realidade estudada é de estrita importância para desenvolvimento do estudo. Logo, o pesquisador na posição de professor está em situação privilegiada para analisar violência nos espaços escolares.

A metodologia utilizada está dentro do campo da etnografia que compreende a capacidade relacional dos sujeitos como ponto central. A abordagem etnográfica foi no campo da autoetnografia que através de autonarrativas do pesquisador pretende interpretar as inter-relações das subjetividades dos sujeitos analisados.

3.1-Etnografia para estudos em educação

Neste estudo teremos a preocupação teórica e fundamentação metodológica ancoradas para validação de dados, que estabelecem credibilidade para tecer conclusões críticas. A intenção desta pesquisa está para além de teor de denúncia, a problemática necessita de soluções dignas e concretas. O estudo de tipo etnográfico se aplicará ao processo educativo, visto que esta metodologia conflui a obtenção de dados preterida para a pesquisa. Os atos de violência escolar não são encontrados em documentos e registros escolares, esta omissão não reflete a realidade de espaços escolares que estão emersos a estas atitudes.

A etnografia dirige seu interesse à cultura de pessoas ou grupos sociais presentes no estudo. Logo, os significados de ações ou eventos são essenciais para análise. A interpretação das expressões dos sujeitos contém primordial relevância para concretização dos procedimentos e dados. A linguagem e as ações são fontes ricas em informação ao pesquisador, a primeira expressa literalmente e a outra, uma leitura indireta do fenômeno, estabelecido pela dificuldade de transcrição ao diálogo.

Segundo André (2003 p.19) “*Alguns destes significados são diretamente expressos pela linguagem, outros são transmitidos indiretamente por meio das ações*”. A cultura pode ser designada em acúmulo de conhecimentos vividos e absorvidos que se utilizam nos momentos de trocas e interpretação de experiências para formulação de determinados comportamentos sociais. André (2003 p.19) conclui que “*a cultura abrange o que as pessoas fazem, o que elas sabem e as coisas que elas constroem e usam.*”

Neste sentido, o etnógrafo se depara perante às diversas manifestações de senso comum para interpretações da vida cotidiana. Estes significados variam em circunstâncias e atributos adicionados aos participantes segundo as próprias experiências expostas. A tarefa do pesquisador está na capacidade em decifrar as múltiplas significâncias para os dirigidos sujeitos.

Esta metodologia abrange os grupos sociais desprovidos de privilégios e em situação de exclusão ao partir do ponto de vista de todos os participantes de determinada análise. O pesquisador deve preocupar-se na criação de vínculo de confiança para com as pessoas estudadas. A posição de intruso deve ser superada até a inserção do sujeito no grupo analisado.

Para compreensão da realidade é necessário desvendar os signos. Após o momento de aceitação, o etnógrafo rompe barreiras à compreensão dos significados de manifestações culturais do grupo em estudo. Esta partilha de entendimento entre ambos, intensifica a qualidade das ferramentas de trabalho. A descrição cultural será dividida em duas etapas, a primeira diz respeito a técnica para coleta de dados para depois a criação do relato escrito. A observação é participante, atribuindo ao pesquisador uma interação com a situação estudada, afetando-a e afetado.

Nesta observação, é realizado processo de intensa autonarrativa em que os dados são mediados pelo instrumento humano, no caso, a memória do pesquisador. Verifica que o etnógrafo como principal instrumento na coleta de dados, posteriormente a atenção é voltada a análise de documentos registrados sobre a temática estudada.

André (p.28 2003) sinaliza a interação entre pesquisador e sujeito estudado “*Subjacente ao uso dessas técnicas etnográficas existe o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado*”. O foco da pesquisa deve preterir

a compreensão e retratação da visão pessoal de cada participante. Cabe ao pesquisador destinar ênfase ao processo de desenvolvimento da pesquisa.

O trabalho de campo é etapa fundamental para este estudo. Manifestações naturais serão descritas para análise, sem o autor apresentar modificações no ambiente visitado. Isto identifica a pesquisa também como naturalista. A fase de indução consiste na sintetização de dados obtidos em descrição, sendo estes reconstruídos para forma de palavras e transcrições literárias. As ações de violência estão em concepção da negação ao diálogo sendo mais um desafio para a codificação da expressão literal.

A flexibilidade na pesquisa é essencial para seu desenvolvimento. No trabalho aberto, os focos de investigação estão em constante revisão, desde instrumentos metodológicos e técnicas de coleta. O objetivo deste método está na descoberta de novos conceitos e novas relações para novas interpretações da realidade.

3.2-Autoetnografia:

O modelo de pesquisa autoetnográfico surgiu na “Escola de Chicago”, no período de 1930 a 1940, com o intuito de interpretação do sujeito através de vivência e experiência pessoal para compreensão do contexto social que está inserido. O autor será o mesmo sujeito, ou compõe o objeto, que expressa os signos para interpretação.

A origem de estudos autoetnográficos é destinada a modificação de autobiografias, de influência iluminista que centra o homem branco estável como sujeito de relatos em experiências pessoais. Estas autobiografias não contêm caráter crítico da realidade por considerar o homem ocidental unívoco e composto por um estado emocional e intelectual inatingíveis.

Qualquer subjetividade estranha ao homem estável é desvalorizada e desconsiderada, entretanto, o ser histórico é construído de forma dialógica entre relações estabelecidas por distintas subjetividades. A busca em romper discursos de hegemonia eurocêntrica é fundamental para opções de métodos críticos que obtêm possibilidade de atingir grupos minoritários, em visão crítica que alinhe a realidade do cotidiano do sujeito e sua cultura.

A finalidade deste método está na procura de vantagens para elucidação e diversificada interpretação de algum contexto social que não se faz presente em espaços

acadêmicos. Os motivos desta pesquisa circundam na realização de crítica contundente para extensão das teorias existentes com o intuito de apurar e explicitar a vulnerabilidade de determinada vida social, interromper silêncios para recuperação de sujeitos desconsiderados e possibilitar estudo acessível a distintos públicos, principalmente os sujeitos alvos desta pesquisa.

As prioridades da autoetnografia estão na experiência pessoal para a escrita devido pesquisador estar em posição de extração de informação privilegiada em experiência social. O autor apresentará os processos de tomada de sentido na capacidade de execução de autorreflexão para descrição de normas e práticas culturais. Após sintetizar a problemática do objeto de estudo, será necessário buscar respostas com os próprios sujeitos.

A estrutura do método de autoetnografia se sustenta em três pilares centrais de orientações que são: metodológica, cultural e de conteúdo. Orientação metodológica é baseada no critério analítico da etnografia. Orientação cultural consiste na interpretação do pesquisador com origem na memória e experiências vividas em que a relação do pesquisador com os sujeitos e/ou objetos estudados e o fenômeno investigado também são inseridos na interpretação. Análise relacional entre pesquisador e objeto de estudo é fundamental nesta etapa. Orientação do conteúdo é definida na autobiografia relacionada à reflexão do autor que deve elaborar autorreflexão a partir das vivências de sua própria memória.

A reflexão é fator de extrema importância para completar corretamente a metodologia de autoetnografia que pretende a partir do modo reflexivo compreender sua interferência e influência dentro da intersubjetividade entre pesquisador e sujeitos ou objeto estudados na avaliação dos resultados.

Conforme as ideias de (Santos 2017 p.218).

“Isso evidencia que a reflexividade assume um papel muito importante no modelo de investigação autoetnográfico, haja vista que a reflexividade impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os resultados consequentes da sua investigação”.

A autorreflexão construída a partir do diálogo e incorporação do Outro no discurso do Eu abala e fragmenta a estrutura estável da metafísica iluminista. Isto permite que as vozes culturais incorporem o discurso do Eu na autorreflexão. De forma dialógica as intersubjetividades são inseridas no discurso do autor. (VERSIANI 2002 p.60) *“A auto-referência fragmentária e dialógica permite que outras vozes culturais perpassem sua escrita”*.

O “self” ou diálogo entre pesquisador e sujeitos expressa relação próxima do Eu com o Outro em situação de pertencimento ao grupo que é diverso do homem branco ocidental e estável. A consciência do escritor se relaciona ao Outro de forma integrada em autodramatização e não distante e estranha à situação ou grupo estudado. Memória pessoal e memória coletiva estabelecem uma relação dialética entre cultura e “self”, pois a socialização de experiências compõe a vida humana em sociedade.

Segundo (VERSIANI, 2002 p.67)

“Ao invés de falar sobre o Outro, ou pelo Outro, o antropólogo passa a falar com o Outro, através da elaboração etnográfica de uma escrita dialógica e/ou polifônica que busca ser uma “alegoria” do encontro entre subjetividades de diferentes culturas: a dos etnografados e a sua própria”.

O estudo autoetnográfico torna-se processo e produto da pesquisa nas interferências do etnógrafo, sujeito este que procura integrar as culturas coletivas e sua própria cultura de forma não dicotômica. Este amalgama decorre de identificações relacionais entre os diálogos das subjetividades. Autoetnografia contempla análise que foge da dualidade e busca integridade entre o singular e o coletivo, através processos intersubjetivos ocorrem interações e identificações culturais. (SANTOS 2017 p.219) *“Tudo isso tem uma conexão direta com o reconhecimento do caráter político e transformador que tal método assume ao “dar voz para quem fala” e em “favor de quem se fala””*.

O autor necessita de extrema atenção no relato do “eu” para não conter ênfase egocêntrica que destina à pesquisa a centralidade do pesquisador em autobiografia. Isto influencia a etnografia de modo que a análise do pesquisador, se transforma em autobiografia do fenômeno cultural que os atores sociais estão emersos. Assim a capacidade de autorreflexão estará impossibilitada.

O momento de autorreflexão é ponto central deste método e decorre da correlação existente entre os atores sociais estudados. A homologia entre estes sujeitos é fundamental para o pesquisador compreender a dinâmica do fenômeno. Neste caso a violência escolar será analisada a partir dos atores que a praticam e as ações que dão sentido a estes sujeitos. O epicentro será no ator propulsor que motiva as atividades de violência no cotidiano escolar.

3.3-Relatos de autoetnografia

Episódio 1:

“- Dia 10/05/2019 ministrei aulas para alunos do ensino fundamental II na unidade escolar ‘Abalo Sísmico’. No período matutino desta unidade escolar, os alunos organizam-se em filas por turmas no pátio, visando facilitar a entrada nas salas de aulas, no qual os docentes se dirigem ao pátio para conduzi-los as respectivas salas. Alguns minutos antes do sinal para início da primeira aula os professores perceberam que os alunos estavam muito agitados e perceberam que algo estranho estava acontecendo. Quando fomos até o pátio havia uma grande roda formada por alunos, cerca de quatro alunos do 6º ano trocavam socos e pontapés enquanto os alunos que formavam a roda incentivavam os atos de violência.

No momento em que eu e outros professores fomos vistos próximos ao fato, a roda de alunos se desfez rapidamente para não serem considerados como sujeitos da confusão. Os alunos envolvidos nos atos de violência também se espalharam, entretanto, não houve dificuldade para identificá-los, já que alguns estavam com camiseta rasgada e ensanguentada.

Todos os alunos que se envolveram nas agressões eram do sexo masculino e do 6º ano e do Ensino Fundamental II. Quando questionados sobre o motivo de início das atitudes de violência, um menino responde “estávamos brincando de cinco minutos sem perder a amizade”. Estava óbvio que estes meninos partiram de uma brincadeira de contato corporal e se desentenderam durante aumento de intensidade dos contatos entre eles.

Os questionamentos que permearam meus pensamentos foram sobre a proximidade entre relações de amizade e as ações de violência que estes jovens estão emersos. Há linha tênue entre amizade e violência que ironicamente trilham caminhos

estreitos. A capacidade de banalizar atitudes de violência é comum para sujeitos que convivem com estas ações no cotidiano, principalmente quando tais atitudes ocorrem no cotidiano familiar”.

Episódio 2

“- Dia 20/05 ministrei aulas para o ensino fundamental II na unidade escolar “Abalo Sísmico” no período do intervalo do turno da tarde, alguns alunos estavam na sala da direção por conduta indisciplinar. Neste dia a ronda escolar da polícia militar estava presente e tais alunos foram conduzidos pelos policiais até um espaço restrito, ao lado da sala da direção.

O grupo todo de alunos era do sexo masculino e de turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II, nos quais permaneceram o tempo inteiro do intervalo sobre conduta dos policiais que os orientaram a se manterem em fila de pé com as mãos para trás. Este perfil de fila me lembrou das características abordagens policiais para sujeitos considerados suspeitos de algum delito.

Após o encerramento do intervalo, estes alunos se manterem em fila, um policial militar inicia uma bronca coletiva com linguagem verbal de forma extremamente agressiva, seguida de ameaças se determinada conduta repetir-se fora da instituição escolar. Ao término desta bronca coletiva os garotos mantiveram-se cabisbaixos e visivelmente abatidos com o episódio.

Tais agentes militares portavam armamentos de calibre pesado algo inadequado ao ambiente escolar, principalmente aos discentes de Ensino Fundamental II. Este cenário deixou-me intrigado, visto que os meninos abordados estão situados na faixa etária abaixo dos 15 anos.

Mesmo conhecendo a face agressiva de algumas abordagens policiais, me impressionei com o episódio ocorrido, já que estávamos no ambiente escolar, que em teoria deve fornecer ferramentas necessárias para aprendizagem e proteção de alunos. Momentos de tensão são comuns em qualquer escola durante ações de indisciplina e violência, entretanto, agentes militares reproduzirem atitudes violentas no ambiente escolar demonstra a necessidade de repensar e reorganizar tais condutas militares nas escolas brasileiras”.

Episódio 3

“- Dia 29/05/2019 em aula para turma de 7º ano de Ensino Fundamental II, após eu escrever alguns registros da matéria na lousa, reparei uma aluna no fundo da sala em primeiro momento, desatenta e deitada na mesa. Esperei alguns instantes e me direcionei até o fundo da sala para dialogarmos. Quando me aproximei da aluna percebi que ela estava extremamente abatida. Perguntei com calma a ela qual seria o motivo da tristeza e não obtive resposta.

Mantive a serenidade para não a intimidar, esperando alguns segundos e a indaguei sobre o que a incomodava. Após um momento de respiração profunda aos prantos a garota diz “ontem minha irmã foi esfaqueada pelo meu cunhado”. Meu espanto foi visível devido à gravidade do ocorrido e permaneci sem reação para respondê-la. Alguns segundos depois a perguntei se a irmã foi socorrida e qual era o quadro clínico da irmã. A aluna informou que o ferimento era na perna, mas que não havia sido medicada até o momento.

Dialoguei com esta aluna por alguns minutos em primeiro instante para acalmá-la e tentar controlar esta situação de tensionamento. No seguinte momento a orientei sobre perigos de ferimentos abertos que esta situação não deveria ser encarada com negligência. A garota dialogou mais sobre o assunto e insistiu que sua irmã não deveria ir ao hospital porque o ferimento foi causado pelo cunhado, isto o prejudicaria e agravaria a situação da irmã”.

Episódio 4:

“- Dia 30/04/2019 trabalhei na unidade escolar “Maremoto” no período da manhã com turmas de ensino médio. Nesta escola as salas são temáticas, fazendo com que os professores permaneçam nas salas, e são os alunos que se dirigem a elas. As últimas aulas do turno da manhã ocorreram com a sala de 1º ano, esta turma não há registros de ações intensas de violência.

A turma inteira entrou na sala de geografia e avistei dois alunos atrasados em relação ao restante da turma. Estes garotos se mantiveram separados dos colegas porque trocavam provocações no corredor a caminho da sala de geografia.

Desde o início da aula reconheci que estes rapazes se hostilizavam sem atitudes graves, por isso chamei a atenção de ambos, entretanto não me dirigi até eles. O desrespeito entre os dois meninos se manteve contínuo e evoluiu para afronta com provocações de contato físico. Novamente os orientei para encerrar as atitudes de ofensa e contato físico.

As divergências entre os garotos pareceram encerradas logo a aula manteve continuidade. Enquanto escrevia na lousa me alertei ao barulho de desespero que os alunos em conjunto emitiram para acalmar um dos rapazes que estava envolvido nas provocações.

Deparei-me com Rodrigo de pé com uma cadeira levantada em posição de ataque a Madson. Rodrigo diz “agora vou te ensinar como se brinca”. Neste instante fui em direção aos garotos e dialoguei com eles para mediar o conflito. Em poucos instantes de argumentação Rodrigo se acalma e coloca a cadeira no chão, todavia para reiniciar o atrito Madson afronta o colega. Isto enfurece Rodrigo que se prepara para briga fecha os punhos e os coloca a frente do rosto como um boxeador preparado para o combate. Surpreendi-me com a resposta de Madson, pois acreditei que era o término do embate.

Mesmo perplexo agi em velocidade, coloquei-me entre os rapazes para evitar início de agressões de ambos. relatei a eles que esta não seria a forma de lidar com diferenças, explicando que os dois se encontrariam diariamente no cotidiano. As argumentações surtiram efeito e Madson se tranquilizou. Rodrigo que se enfureceu até seu limite, cedeu após reflexão sobre a situação.

Após a tensão diminuir Rodrigo permaneceu desequilibrado emocionalmente e o orientei para ir ao corredor beber água e aliviar-se. No término da aula um rapaz de outra turma aparece na porta da sala e Rodrigo explica o episódio ocorrido e se vangloria de que precisei “segurá-lo” para não agredir o colega”.

3.4-Autorreflexão:

Os quatro episódios narrados relatam distintas formas de manifestações de violência no cotidiano escolar. O ponto de união destas situações está nos sujeitos que sofreram atos de violência. São ações distintas de características diferentes desde a gravidade do ato de violência até a reação do sujeito que é afetado pela violência.

Há semelhanças nestas situações que não são coincidências ou acasos, neste sentido, é possível identificar as circunstâncias nos quais viabilizaram os motivos para atitudes de violência. Neste panorama é possível tecer correlações na violência escolar.

As conexões são múltiplas para violência em escolas públicas, entre as quais, destacamos a violência familiar, precária infraestrutura das instituições escolares, alunos do sexo masculino envolvidos, banalidade de violência verbal e física e dificuldade em diálogos de mediação permeados por revolta.

O cenário central está sediado nas unidades escolares periféricas, nas quais detém primazia no atendimento da elevada demanda de alunos com espaços precários. A problemática é atenuada por sujeitos permeados em exclusão social, carecem em diálogos de mediação e emersos em revolta a própria circunstância de exclusão.

Elevados índices de violência estão presentes em grande porção de periferias brasileiras. Obviamente, os muros escolares não são fronteiras de estreita passagem à exclusão socioespacial contribuem para atenuação de violência escolar.

As quatro situações citadas, explicitam o gênero do sujeito praticante de violência que exhibe o sexo masculino hegemônico em ações de violência escolar. Mesmo no episódio 3, que a violência familiar ultrapassou o ambiente escolar e atingiu o desempenho intelectual/emocional da aluna. Desta forma, é viável afirmar que a cultura machista direciona o sexo masculino a reprodução de violência.

Em momentos de distanciamento da sala de aula ou de adultos dotados de autoridade, jovens e crianças excedem os limites de comportamento do ambiente escolar. Os episódios 1 e 4 se conectam neste horizonte, corroborado pela inexistência de autoridade para delimitar as normas escolares.

Nos episódios 2 e 3 há interferência de problemas sociais extraescolares no ambiente escolar. O episódio 2, explicita momentos de truculência policial voltada para população já fragilizada pelas condições socioeconômicas. Enquanto o episódio 3, demonstra a vulnerabilidade de pessoas envolvidas a violência, que neste caso é familiar. Exclusão socioespacial está elencada nos episódios e os correlacionam em facilidade de reprodução de atitudes violentas em áreas distantes dos centros urbanos e de capital.

Os sujeitos envolvidos nas cenas narradas foram meus alunos, isto me coloca em posição privilegiada para acompanhar as relações cotidianas e no desempenho escolar destes jovens. Drasticamente o rendimento escolar e desenvolvimento intelectual destes alunos são notoriamente comprometidos em todos os casos citados. As relações sociais também são afetadas pela dificuldade de expressão via diálogo.

O fracasso escolar posterior à indisciplina e violência, evidencia a interferência que estudantes herdam em situações de exclusão. A possibilidade de experimentar a cidadania via educação, está minada por extensa complexidade de exclusão socioespacial.

As vozes destes sujeitos necessitam de atenção para transgredir as normas e relações que reproduzem atitudes de exclusão social. Estas atividades são motores de violência que após alcançar atores marginais será reverberada pelos próprios.

4-Violência escolar e cidadania

A garantia de direitos básicos provém do Estado que detém o dever de garantir as condições humanas satisfatórias para os sujeitos de determinada nação. O protagonismo social imputam pressupostos essenciais a vida digna de qualquer sujeito.

A vida social é composta e construída em acúmulos de saberes organizacionais e socializados nos quais contemplam imprescindíveis prerrogativas sociais. (SANTOS, 2014 p.20) argumenta que “*a cidadania sem dúvida se aprende*” visto que, para o acesso do indivíduo, é indispensável incorporar-se à cultura. Para manutenção deste direito, a luta pela liberdade não se esgota.

Exercer cidadania no Brasil colide em barreiras comuns de países de terceiro mundo, e neste sentido Tereza Haguette em “Os direitos de cidadania no nordeste brasileiro” (1981-1982) indica que o exercício de cidadania se difere nos países metrópoles e nos países satélites. A concepção de cidadania é estratificada via classe social e de instrução. O poder econômico e acessibilidade à educação de qualidade deliberam quesitos fundamentais para formação de indivíduo cidadão.

No caso brasileiro a execução de cidadania se difere em centros urbanos, áreas de alto valor econômico e periferias. Extensa desigualdade econômica, informacional e

instrutiva expõe distintas formas de cidadania no país. Há alguns mais cidadãos de que outros, além de que há outros que nem cidadãos são considerados como tal.

Processos conjuntos delimitaram o panorama que fragiliza o sujeito. Ações sob tutela ou diretamente do Estado condicionaram extensa abertura do abismo entre pobres e classe dominante. Incentivos a desruralização que motivaram migrações abruptas ligadas à desenfreada urbanização desorganizadora e concentradora, formalizaram mercado consumidor para consumo de massas. Conforme (SANTOS, 2014 p. 25) “*Em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário*”.

A degradação de ensino de qualidade em escolas públicas e o bombardeio realizado de mídia escrita, televisionada e via internet, organizam a cultura de massas direcionada ao consumo para finalidade de execução de direitos. O cenário em que o indivíduo adere ao egoísmo como pilar fundamental de sua ideologia.

O sujeito individual aliena-se perante o conceito de cidadania no qual é moldado mediante hegemônica atuação midiática, fato este, responsável pela produção de cultura de massas que define gostos e preços. O mercado assegura-se pela restrição do consumo amparada pela baixa renda dos indivíduos que sonham em possibilidade de consumir. Este cenário é ratificado por (SANTOS, 2014, p.28) “*isso garante o não-esgotamento da revolução das esperanças – isto é, das grandes esperanças de consumir*”.

A finalidade do indivíduo é destinada a extensão da capacidade de consumo para ascensão social. O consumidor não almeja transformar-se em cidadão, portanto, está incapaz de reconhecer em análise crítica a condição de alienação que permanece emerso. Segundo (SANTOS, 2014, p.29) “*Em lugar do cidadão surge o consumidor insatisfeito e, por isso, voltado a permanecer consumidor*”.

Esta força alienante intensifica-se quando a vida social perde solidariedade frente expansão da competitividade. Os consumidores não contêm capacidade de reconhecer suas semelhanças precárias na ausência de direitos.

O ser desconhece seu valor de indivíduo e suas heranças culturais enquanto seus projetos pessoais são trocados por projetos externos à própria formação cultural, isto é, viabiliza o individualismo dos seres. A profissionalização do trabalho define os afazeres essenciais para determinada atividade regulamentada.

A escola é afetada pela especialização do trabalho e o individualismo dos seres que conjuntamente modificam a função escolar. Consumidores não demandam de formação social de sujeitos críticos a própria alienação. Os programas escolares são limitados à profissionalização sem desenvolvimento social que impossibilita maiores ambições dos alunos.

A violência estatal adentra o regime escolar verticalmente delimitando a consciência social de alunos e os conduz a aspirações de consumo. O Estado ao viabilizar interesses extraescolares em práticas educativas, compõe base para aniquilamento da função social da escola.

A base da violência escolar conecta-se a exclusão social e individualismo dos sujeitos que encaram precárias condições de vida e se encontram alienados. Esta distorção de realidade distancia os sujeitos de tornarem-se cidadãos.

A falta de diálogo proveniente de ações de violência desvia os indivíduos de ferramentas para alcançarem a cidadania. Há estreita relação entre insuficiência de diálogo, condição de consumidor, alienação em conceito de cidadania e violência escolar.

Ações de violência na juventude explicitam o viés individualista que os consumidores incorporam desde o início da formação social do ser. O caso brasileiro é do “consumidor mais-que-perfeito” conforme (SANTOS, 2014) que na busca de signos em objetos de consumo, acomoda-se na situação de objeto a procura de status.

Esta relação de metamorfose do sujeito para objeto não está estática, a revisitação dos símbolos dos objetos reconstitui a condição de sujeito perdida. Ao recompor-se, o ser recupera individualidade de sua essência cultural. Este complexo processo necessita de reestruturação educadora dos consumidores para garantirem a circunstância de cidadãos.

“A individualidade, um bem comum a toda a humanidade, mas tantas vezes deixadas em surdina no indivíduo, não é um bem que pereça” (SANTOS, 2014, p.71). O cotidiano é fundamental para reconciliação educadora via relações de pertencimento há possibilidade de reversão da alienação.

As organizações sociais e expressões culturais exibem a quebra de reprodução da cultura de massas. A periferia contém intensa relação cotidiana e proximidade entre os habitantes que exercem diariamente ações de vizinhança.

A educação gratuita de qualidade fabrica seres que organizados, expressam seus questionamentos perante própria condição de exclusão. Movimentos periféricos transparecem a força desalienadora dos indivíduos.

Experiências da cultura hip-hop exibem resultados na disseminação de informação para prevenção da violência. Indivíduos instruídos reconhecem proximidade das condições de exclusão nos quais os habitantes suportam em distintas periferias. Esta resistência é força educadora dos excluídos.

As periferias são localidades disformes compostas de individualidades próprias via adaptações em ocupação do terreno, portanto, não é possível afirmar que favelas são iguais ou uniformes. A reflexão do grau em exclusão socioespacial dos habitantes periféricos é caminho para identificar a proximidade entre as mazelas existentes em qualquer lugar do Brasil.

Os sujeitos que compreendem as semelhanças de exclusão socioespacial trilham percurso em direção à cidadania. Para jovens a cultura *hip hop* é válvula de escape norteadora para conscientização educadora em detrimento de manifestações de violência.

5 – Ações para prevenção da violência

O enfrentamento da problemática contém variáveis múltiplas frente à multidimensão das ações em manifestação e os geradores estruturantes. Ao decifrar e caracterizar as distintas variáveis atuantes, abre-se caminhos para reversão produtiva e prevenção da violência escolar. A visão contrapelo explicita os pontos de reconstrução.

Diante altos níveis de violência escolar, deve se reinventar para extinção do problema elencado. Medidas de solução são adotadas por praticamente todas as instituições de ensino que estão emersas na questão. Nestas escolas as respostas são elucidadas nos comportamentos dos próprios jovens as medidas propostas. Ações sem presença da comunidade escolar não desempenham bons resultados para prevenção da violência escolar.

A pedagogia do conflito delimita as atitudes tensionadas em algo próprio da convivência social e inevitável. As etapas deste processo iniciam-se em supressão voltada para a superação que deverá ser regulada para a relação harmônica. A fonte desta pedagogia está na convivência de formas participativas no processo de ensino-aprendizagem. O diálogo é ferramenta central para a execução desta técnica pedagógica, conforme (LUIZ, 2016, p. 47) *“atuar na mediação de conflitos, com o objetivo de orientar os jovens a perceberem a comunicação como solucionadora de conflitos, seja no âmbito escolar, familiar ou em qualquer outro contexto”*.

A violência é construída emersa em processos de ensino com caráter evitável. Os resultados satisfatórios estão em situações que os jovens são sujeitos participativos em forma central a problemática. Opções de projetos democráticos devem reservar ações participativas para toda comunidade escolar e aluno sendo este como sujeito principal.

Grupos educativos destinados à aprendizagem cooperativa desconstruem as ideologias violentas intrínsecas ao cotidiano escolar. Também há possibilidade de grupos operativos de alunos e familiares exercerem atividades em conjunto a professores e funcionários para melhores relações entre a instituição e a comunidade que a circunda.

Expressões artísticas e esportivas demonstram ferramentas imprescindíveis ao desenvolvimento social do jovem em forma saudável. Os espaços culturais são fundamentais para reversão dos atos violentos até a reconstrução do diálogo esvaído.

5.1-Expressões artísticas: Hip Hop e Literatura Marginal

*Destino indica a correria de um homem
Alternativa, pra criança aprender, basta
quem ensina
Essa é a verdade: criança aprende cedo a
ter caráter
A distinguir sua classe, estude, marque
Seja um mártir, às vezes um Luther King,
um Sabotage.*

(Sabotage, Sabotage, 2016)

Os saberes adquiridos pelos alunos além da relação ensino-aprendizagem da escola, devem ser respeitados e valorizados pelos educadores. A vida cotidiana em espaços distantes dos centros urbanos e econômicos é repleta de crenças e saberes populares que compõem a cultura periférica. A realidade presenciada pelos educandos é essencial na formulação de métodos e conteúdos escolares. Corroborando com esta ideia, Freire (1996, p.15) afirma a importância destes saberes, *“por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária”* (FREIRE, 1996 p.15).

A interpretação da realidade de mundo dos alunos, será ponto inicial e central para construção de métodos e práticas que combatam e previnam a violência escolar. O espaço que a instituição escolar está inserida interfere nas relações existentes dentro da instituição. A violência e exclusão socioespacial que ocorrem ao redor destas escolas adentra os muros e grades que a cercam. *“Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.”* (FREIRE, 1996 p.25).

Literatura marginal e movimento *hip hop* são modos artísticos engendrados aos espaços periféricos e corriqueiros a cultura de jovens em exclusão. Dentre estas culturas populares se nota construção de ideais contra violência praticada e banaliza nestes espaços.

O uso de manifestações culturais que pertençam ao cotidiano da comunidade escolar, em especial, ao cotidiano dos alunos é via para ações de mediação entre os jovens. As atitudes de violência requerem participação direta dos envolvidos. O epicentro de intermediação está nos jovens marginalizados com aplicação de expressões artísticas oriundas da periferia.

Projeto “Rap...Ensaio Educação” aplicado em escolas municipais de São Paulo utilizou o movimento *hip hop* para instruir professores e alunos em práticas de ensino aprendizagem e abrir espaços de fala a jovens que demandam em serem ouvidos. Para construir medidas preventivas ou de solução os atores envolvidos a problemática detém essencial importância.

Os espaços e momentos de fala para jovens excluídos são extremamente valorizados por estes sujeitos que demandam vozes a serem escutadas. Para elaborar ações que minem a violência entre estes jovens é essencial que os indivíduos da

periferia participem desta colaboração. A academia em dadas situações sufoca a expressão de opiniões e sentimentos dos sujeitos que integram as pesquisas como meros dados ou seres incapazes de contribuição.

“Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando dos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles” (FREIRE, 1996 p.71).

A superação dos problemas provenientes de violência está nos sujeitos vetores e atingidos. Músicas de *rap* que narram à desigualdade social são rica fonte de informação para jovens excluídos. A força destes grupos está na consciência solidária das mazelas que a população pobre encara.

Há algumas décadas o *hip hop* emana mensagens sobre alternativas de sobrevivência a indivíduos em exclusão. Estas opções resistem a marginalização que instituições estatais tradicionais a sufocam e silenciam. Estudos sobre indisciplina e violência escolar ou violência periférica que não centralizam os protagonistas desta problemática na procura de ações preventivas reforçam o atraso que instituições acadêmicas se situam perante a realidade dos seres excluídos. “*Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro*” (FREIRE, 1996 p.75).

Segundo as concepções de Freire “*é preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado*”. (FREIRE, 1996 p.73)

O *rap* fornece educação não formal, mas viabiliza informação e conhecimento à milhares ou milhões de jovens. Esta ferramenta de longo alcance, se associada a instituições educacionais proporcionam resultados satisfatórios em prevenção de violência.

A valorização da população pobre e cultura periférica, o incentivo a estudo e trabalho, conexão a família, respeito mútuo, combate ao racismo e encarceramento em massa, denúncia de violência policial, distanciamento ou abandono crime e prevenção

ao consumo de drogas compõe os principais pensamentos da ideologia do hip hop. Conforme (BK, 2016) na música “Favela vive 2” seu “lucro” essencial é viabilizar informação para jovens se distanciarem de atitudes criminosas e de violência, alertando que há semelhanças entre pessoas que residem em periferias.

*Eu lucro fazendo dinheiro, mas ganho
fazendo meus irmão pensar
Somos iguais, não vamos nos matar
Iih, o crime te chama, rapaz
Não se entregue de vez, negue de vez*

(BK', sem álbum, 2016)

Esta ideologia procura conscientizar os habitantes pobres de suas precárias condições financeiras e de qualidade de vida que estão em direta relação com Estado e sistema capitalista. A viabilização de exploração capitalista em escala global é oriunda do Estado que amplia caminhos as forças hegemônicas. Os espaços locais estão a mercê para expansão da hegemonia financeira global. A educação pública sucateada é fábrica alienadora de pobres individualistas que almejam qualidade de vida em consumo, que deforma a formação social de sujeitos cidadãos.

*É o paradoxo da educação
Ao conscientizar-me questiono quem tem
mal me educado
Querendo que o explosivo desarme com o
dedo no botão pressionado.*

(Sant, Infinito do nada, 2018)

*Aí, Abin, não ataco de drone com explosivo
Uma Bic, um caderno, é meu kit terrorismo
Cada excluído que aproximo de um livro
É como se decepasse um tirano e gravasse
em vídeo
Favelado, não se sabote para não ser outro
no DP
Rezando pra uma vítima não te reconhecer.
(Eduardo, A fantástica fábrica de cadáver,
2014)*

Nos trechos citados os autores Sant e Eduardo refletem sobre o papel da educação para formação social de jovens excluídos. A fuga da violência viabilizada pela

construção de consciência crítica é a principal arma para os sujeitos em extrema pobreza. Estes sujeitos com acesso a informação ameaçam a classe dominante que está amparada pela violência estatal.

Os habitantes marginalizados instruídos pelo *rap* quando obtém acesso à informação permitem analisar formas de sociabilizar o conhecimento aos seus semelhantes. Táticas de mediação e pedagogia do conflito são usadas para quebrar barreiras de violência e viabilizar abertura de diálogo.

A dificuldade de diálogos para mediação de conflitos, reflete a construção de uma cultura violenta com influências de ideologias machistas que enaltecem a força física para resolução de adversidades. Tais ideologias são dignas de atenção para enfrentamento das raízes desta complexa problemática.

O *rap* também se consolidou perante às ideias e atitudes violentas e machistas. Estas ações opressoras já são encaradas como arma tática da classe dominante para desorganizar grupos de resistência. A intersecção de lutas visa demonstrar aos oprimidos que dentre os grupos de minoria política há mais semelhanças que diferenças. Nos últimos anos trabalhos que abrangem temas de feminicídio e feminismo negro emergem e conduzem jovens a reflexões críticas sobre a reprodução da cultura machista como veículo de disseminação de violência.

*Bebidas fizeram sangrar mulheres que não
eram como vocês querem
Julgadas pelo o que vestem
E ainda que não deixem que elas falem
Por elas no lugar delas
O lugar delas são elas que sabem*

(Lord, sem álbum, 2017)

*Ai mina valorize a luta das feministas
Mulheres atiraram por igualdade, política
trabalhista
Sua cara não é ser vulgar na coreografia
sensual
É ta engajada contra violência doméstica e
sexual*

(Eduardo, A fantástica fábrica de cadáveres, 2014).

As músicas acima demonstram a capacidade de atualização do *rap* que reformula as ideologias de luta conforme avanços da sociedade. Relatos sobre a condição das mulheres em periferias brasileiras são importantes para refletir e reformular as relações machistas que estruturam a sociedade.

O *hip hop* não constituirá a única solução para a violência escolar e falta de ensino público de boa qualidade. Este movimento representa a força de resistência da periferia e capacidade organizativa do gueto para lutar e combater os espaços de opressão fabricados pelo Estado.

*Pra que a gente não entenda
Essa engrenagem lendo um texto
tentam nos abater com 30 tiros no
Bradesco[...]
Se eles querem lacuna para tentar prender
A gente devolve em letra instrui o que fazer
Porque a arma do povo é a informação
É Vida Loka Eduardo a nossa revolução
Tem que sair do papel e depois que virar
rima
O nosso povo tem que abraçar com tudo e ir
pra cima.*

(Eduardo e Kaskão, sem álbum, 2016).

Neste excerto os músicos Eduardo e Kaskão afirmam que os sujeitos excluídos devem por em prática as ideias absorvidas pelas músicas de *rap*. Após algumas décadas e gerações de jovens envolvidos na cultura *hip hop* é notável o avanço deste movimento em espaços periféricos de todo Brasil. Os novos grupos de *rap* e *mc's*¹ da última década expõem a essencial influência das músicas de *rap* para suas carreiras e em especial nas suas formações sociais. Este movimento artístico já colhe frutos dos pioneiros desta cultura no país.

¹ *Mc's* são cantores e compositores de músicas dos gêneros *rap* e *funk*.

Fatos simplificados de incentivo à leitura e procura de informação sobre as condições de exclusão sócio-espacial fortalecem a perspectiva de que o *hip hop* educou minimamente crianças e jovens para se distanciarem do crime organizado e ideologias hegemônicas. Mesmo sujeitos que praticavam delitos iniciam ressocialização por meio desta manifestação periférica.

*Você é o Kaskão, o Eduardo, aqui sou eu o
Zekinha*

*Em nome da geração eu agradeço as rimas
Que vocês presentearam aos manos da
minha idade*

*Abrindo a nossa mente apresentando a
verdade*

*Se fosse pelo sistema noiz ia ser tudo igual
Não ter estudo e crescer um alvo dos
parafal*

*Por isso em nome do gueto eu agradeço
você*

*Do rap original por nunca nos esquecer
Sempre nos orientando, da forma certa
alertando*

*Contra as mazelas da vida para não cair em
engano*

(Zekinha, sem álbum, 2016)

O trecho acima demonstra um exemplo concreto de um ex-assaltante de banco que após anos de cárcere atingiu ressocialização via *hip hop* no período de cárcere. Alguns anos a diante este sujeito incluiu seu filho no grupo musical e até o momento estão em atividade. Há outros casos de ex-detentos que através de expressões artísticas do *hip hop* se conduziram a ressocialização e defendem ideologias contra crime, violência e forças hegemônicas.

Literatura marginal é forte expressão de excluídos que desenvolvem literatura que reflete a realidade de favelas. Considerada escrita informal por instituições tradicionais esta forma de resistência organiza saraus e trocas poéticas que enriquecem culturalmente espaços excluídos de cultura erudita.

6 – Considerações Finais

A violência escolar é designada em tudo que impede o desenvolvimento do potencial de um aluno. Os aspectos desse fenômeno são variados e produzidos dentro e fora do ambiente escolar. O cotidiano dos alunos é afetado por medidas outorgadas a dinâmica das escolas. O potencial vertical das ações governamentais diluiu a qualidade de ensino e as funções que a instituição abrange.

A revitalização da escola é algo emergente em conjunto a revigorizar capacitação de profissionais da área de educação. No período de meio técnico-científico-informacional a sociedade se alterou aceleradamente, então que se modifiquem as escolas também. Estas atitudes estão presentes no território nacional em diversos exemplos de enfrentamento e resoluções concretas em reversão da violência.

Os programas que obtém bons resultados destinam papel central ao aluno nas metas e atitudes para formulação do projeto, nestes casos toda a comunidade escolar está envolvida. Projeto Pela Vida, Não à Violência e Projeto Chapada, são exemplos da materialidade da pedagogia do conflito, grupos educativos e operativos que socializam as relações sobre o cotidiano escolar. O primeiro está localizado no município de Santo André – SP e outro na região da Chapada da Diamantina – BA que agrupa inúmeros municípios da região e em constante crescimento.

A Escola Municipal Presidente Campos Salles localizada na periferia de Heliópolis – São Paulo, presenciou intensos momentos de violência escolar extrema. Estas mazelas são sanadas democraticamente com participação central dos alunos e da comunidade local. O diretor Braz Nogueira enfrentou a problemática e designou maior autonomia aos moradores locais com abertura da escola a toda comunidade. Neste caso os grupos operativos de alunos garantem as relações harmônicas no cotidiano escolar.

Escolas em realidade descritas estão distribuídas por estados e municípios brasileiros que cada instituição apresenta multiplicidades de ferramentas pedagógicas de reversão e prevenção da violência. Casos deste quesito estão registrados na série de documentários Educação.doc. Estes benefícios florescem em prazos médios e curtos. Em longo prazo devem ser destinadas reformas estruturais de refuncionalização da escola para democratização do processo de ensino-aprendizagem.

Os exemplos usados retificam a importância dos alunos para obtenção de resultados positivos frente manifestações de violência. O método autoetnográfico demonstrou que atores estudados apontam respostas para a problemática que estão emersos. O uso de autorreflexão na metodologia aproxima o pesquisador da problemática e dos sujeitos estudados. O indivíduo excluído que sente e sofre a realidade de exclusão é protagonista para construção de soluções objetivas e concretas.

Jovens que vivenciam cotidiano de intensa violência são afetados no desempenho cognitivo e sofrem drásticas perdas na relação ensino-aprendizagem. Ambientes desagradáveis impedem satisfatório desempenho escolar. Há volumosas barreiras para educandos que convivem com estas mazelas na família, bairro ou escola. Nestes casos o território exerce negativa influência contra estes indivíduos.

Está evidente que escolas periféricas são sujeitas a maiores índices de violência escolar, isto expõe que a violência presente em espaços de exclusão ultrapassa muros e grades de escolas, além de estar imbricada em algumas famílias. O cotidiano de violência é comum em periferias e seus habitantes se adaptam a esta adversidade. Algumas manifestações culturais populares relatam o cotidiano de violência e demonstram efetividade na reversão e prevenção de violência.

Neste estudo a opção de combate a esta mazela são literatura marginal e movimento hip hop. Os trechos de músicas exibidos expressam a motivação do rap em educar jovens e os distanciar de caminhos e ações violentas. Esta escolha é baseada na autoetnografia que indica os sujeitos da problemática como centrais na constituição de resolução. Serão os vetores reprodutores de violência e afetados que construirão caminhos para reversão.

A academia está distante da realidade que estes sujeitos são submetidos e isto impede elaboração de atitudes efetivas. As vozes periféricas são ricas em saberes populares e empíricos que também são importantes para compreensão das distintas manifestações de violência. Estes conhecimentos e experiências são fundamentais para elaboração de projetos ações de combate e reversão da violência. Nada mais justo que o ser excluído conter voz ativa na reparação dos problemas que enfrenta.

*Eu num li, eu num assisti, eu vivo o negro
drama*

*Eu sou o negro drama, eu sou o fruto do
negro drama*

(Mano

*Brown, Nada como um dia após o outro,
2002).*

7 – Referências Bibliográficas

ADL, BK, Funkero, MV Bill – Favela Vive 2. Rio de Janeiro: Esfinge, 2016.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XYvrwZmjXJY>. Acesso em: 22/09/2019.

André M.E.D.A. - Etnografia da prática escolar - 2003 - Papirus – Campinas.

Araújo C. – A violência desce para a escola – 2002 – Autêntica – Belo Horizonte.

Biklen S., Bogdan R.C. – Investigação qualitativa em educação - 1994 - Porto Editora – Porto.

Bossle, F., & Neto, V. M. - No “Olho do Furacão”: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre – 2009 - Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 31(1), 131-146 – Porto Alegre.

Buriti Filmes – Educação.doc – Diretor de Harmonia episódio 2 -
https://www.youtube.com/watch?v=SX8n-rYo_W0 – Acesso em 30/08/2018 as 15:10.

Davis A. – Mulheres, cultura e política – 2017 – Boitempo Editorial – São Paulo.

Davis A. – Mulheres, raça e classe – 2016 – Boitempo Editorial – São Paulo.

Eduardo, Karol Klombiana – Auto Sabotagem. São Paulo: Don Pablo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gwU6UkjLsFA>. Acesso em 21/09/2019.

Eduardo – Eu Acredito. São Paulo: Só Monstros, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=26vgtzsxdAw>. Acesso em 21/09/2019.

Freire P. – Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa – 1996 – Paz e Terra – São Paulo.

Glidden R.F., Gross I. - Práticas coercitivas na educação: o que dizem e o que fazem os professores - Revista Reflexão e Ação - v. 24, n. 1, p. 402-424, Jan./Abr. 2016 – Santa Cruz do Sul.

Gouveia B.B. – Formação dos coordenadores pedagógicos em Boa Vista do Tupim/BA – 2012- Diss. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação)–PUC-SP, São Paulo.

Guimarães A.M. - A dinâmica da violência escolar- 2005 - Autores Associados – Campinas.

Luíz M.C. – Conselho escolar e as possibilidades de diálogo e convivência, 2016 – EdUFSCar – São Carlos.

Lucinda M.C., Nascimento M.C., Candau V.M. – Escola e violência – 2001 – DP&A – Rio de Janeiro.

Nocivo Shomon, Rincon Sapiencia, Fabio Brazza, ADL, Leal, Alex Flores – R.U.A 2 (Poetas da Babilônia). São Paulo: Lado Sujo da Frequência, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aaAw_AneiNU. Acesso em: 25/09/2019.

Racionais Mc's – Negro Drama. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=tWSr-NDZI4s>. Acesso em 21/09/2019.

Rodrigo Cartier, Sant, DK – Liberdade. Rio de Janeiro: Novo Egito, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4cDPvZS_kpo. Acesso em 25/09/2019.

Rosa M.V.F.P.C., Arnoldi A.G.C.- A entrevista na pesquisa qualitativa – 2006 – Autêntica – Belo Horizonte.

Sabotage – Canção Foi Tão Bom. São Paulo: Selo Instituto e Sabotage Prods Arts, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WF7LLI7r4Os>. Acesso em: 21/09/2019.

Santos M. – O Espaço do Cidadão – 2014 – Edusp – São Paulo.

Santos, S. M. A. - O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios – 2017 - Plural-Revista de Ciências Sociais, 24(1), 214-241 – São Paulo.

Silva J.M.A.P., Castro J.C.R., Salles L.M.F., Villanueva C.F. – A violência no cotidiano juvenil – 2010 – Cabral – Taubaté.

Trilha Sonora do Gueto, Eduardo, Ferrez – Conzpirasom. São Paulo: La Plata, 2016.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G2Jb-Y3s36I>. Aceso em
25/09/2019.

Versiani, D. B. - Autoetnografia: uma alternativa conceitual - 2002 Letras de Hoje, v.
37, n. 4 – Porto Alegre.